

FESTA DE ONTEM

Por Joana Belarmino

Ele tinha oitenta anos, ela aproximava-se dos cinqüenta. Deram-se as mãos, e o poeta soube do peso que era a solidão dela. Ela pensou que a solidão dele era o repouso e a mornidão de um quarto aquecido, a suavidade de pão de ontem a ser mastigado pela manhã, antes que viessem as palavras.

E sem ousar quebrar o embevecimento do poeta, ela fitou o exército de mulheres e homens velhos que estava naquela festa. Uns sentados a conversar, outros de pé, servindo-se de bolos e bebidas. O tremer das vozes, as sílabas roufenhas quando algo se animava na conversa de algum grupo.

Um leve pressionar da mão do poeta sobre a sua chamou-lhe a atenção. Voltou-se e viu o brilho do seu sorriso, sorriso de olhos, onde brilhavam, para além da inteligência, estrias de uma ternura antiga, como se minasse do fundo da terra, com cheiro suave de barro molhado. E descobriu de repente a aventura que habitava a solidão daquele velho, aventura que ele lhe entregava no brilho inteligente do seu sorriso, aventura tisonada de vida vivida, cápsula a convidá-la a empreender a viagem para dentro daquele olhar.

Deixou à pressa as coisas de fora, o burburinho, as risadas, evadiu-se de dentro de si, como se fugisse de um mundo fraturado e triste, para mergulhar naquele olhar.

Olhar que propriamente não a contemplava, olhar que lhe apontava, discretamente, uma espécie de passadiço, olhar que a convidava a arregaçar as saias da sua existência, e saltar para um mundo atemporal onde se pudesse tecer um diálogo só deles.

Deixou-se ir. Em princípio a medo, como uma criança, a provar com o pé, a frieza de uma água desconhecida. Seus olhos pescurtando a profundeza do olhar do poeta, sua mão levemente atada à frágil ossatura dos dedos dele.

E alijou-se da festa, do burburinho, e saltou para a estrada comprida e serpenteante daquele olhar, e quis compreender aquela narrativa, como se lhe fosse dado o direito de saltar no tempo e conhecer o templo em que habitaria, quando fosse mais velha.

“Quero te mostrar uma coisa”. A voz dele agora era firme, as sílabas tocando no coração dela com uma impertinência adolescente. “Por que a mim?” Perguntou ela por sua vez, surpreendida por sua voz haver resgatado a juventude dos primeiros tempos.

“Porque vi a tensão na tua boca franzida, nos teus ombros hirtos. Li a íntegra da tua solidão, experimentei em mim mesmo a torturante azáfama dos teus músculos e ossos, a aeróbica frenética por serem o que já não são, o exercício quase imperceptível do teu rosto por negar o que já és”.

Naquele momento ela sentiu medo. O poeta lhe entregava seu espelho de todos os dias, atiçava as lascas incandescentes da sua tristeza. Mas ele percebeu logo o que se passava e tratou de mudar o cenário. Olhou discretamente para os dois lados do caminho e disparou a correr. “Anda. Vê se me alcanças!”

Correram. Cada um deixando atrás de si, misteriosamente, lembranças dos queixumes de juntas e articulações, que agora recuperavam o vigor de outros tempos, tempos em que velhice não passava de uma palavra irreal e sem cor.

E de repente uma raiz mais alta fez com que ela tropeçasse e caísse. O velho voltou-se imediatamente e ergueu-a nos seus braços frágeis, caminhando com ela até a sombra de uma árvore onde uma suave grama se estendia como um tapete verde e macio.

Sentaram-se os dois, o poeta recostado ao tronco da árvore, ela recostada ao seu corpo, os dois controlando a respiração apressada do exercício de correr, os dois em silêncio, escutando o vento a mexer nas folhas velhas do chão, a desfiar segredos longínquos nos galhos mais altos daquela árvore velha.

O poeta afastou-lhe o cabelo do rosto, apertou-a mais no seu abraço e lhe disse: “experimenta perguntar a essa árvore o que é ser velho. Eu lhe fiz essa pergunta dias seguidos, e, em cada dia, ela me deu uma resposta diferente. Agora quero que lhe perguntes a mesma coisa. Abre a tua boca. Articula todas as sílabas com tranquilidade, e ela te escutará, e te dará a resposta de hoje”.

De novo a tristeza represada ameaçou emergir, mas ela respirou fundo, fitou a parte visível da raiz da árvore, junto do seu pé, e disse: “O que é ser velho, árvore?!”

O velho estreitou-a ainda mais nos seus braços, e os dois como que sentiram um breve tremor a percutir o robusto e rugoso tronco da árvore. Depois escutaram o discurso vegetal, feito de sílabas profundas, articuladas sem pressa, frases que se encadeavam numa espécie de estranha fala horizontal, ecoada aqui e além, sem que entretanto nada se perdesse da sua resposta, mesmo quando o som parecia ter sido levado para muito longe deles.

“Não vou te dizer que ser velho é uma invenção do espírito humano. Tampouco vou negar as agruras físicas pelas quais vais passar, muito em breve, de juntas e articulações que não responderão as tuas exigências, de carnes odiosamente enrugadas por falta do recheio da tua massa muscular, de falhas impertinentes da tua voz, que teimará em não reproduzir aquele agudo suave e equilibrado de que tanto gostavas.

Não vou te negar que ser velho é sentir todo o maxilar a doer, depois de se ter comido carne assada num inofensivo e abundante churrasco. Ser velho é buscar um jeito novo de dormir, todas as noites, e em lentos e exaustos gestos descer-se da cama para tomar um comprimido ou um copo de vinho.

Ser velho é ter um cérebro que se, milagrosamente, não sofrer aquelas alterações

genéticas as quais a ciência dá nomes complicados, ousará transpor a soleira do aparente, ousará escutar e mesmo corporificar os insidiosos pensamentos que esvoaçam livremente por entre as malhas dos neurônios”

Por longo tempo a árvore não disse mais nada. Uma leve ruga de desapontamento vincava os lábios dela, um leve sorriso travesso brincava nos olhos do velho.

Pressentindo que ela sentisse frio, ele aconchegou-a ainda mais nas velhas dobras do seu corpo.

“Ser velho. Velho ser. Servo. Verso”. A árvore agora como que se entregava a um exercício livre de soltar palavras ao vento, para que elas depois se plantassem no espírito dos dois, ali abraçados.

“Ver. Vel, velhice... hice... Não sei se serás capaz de fazer a viagem para o não sentido, para a dormência, para o antes das coisas serem o que são. Para o antes de seres a quase velha que já te pesa nos ombros, que já te dói nos maxilares, que já te estende com mão sorrateira o copo de vinho que te fará dormir à noite. Por que ser velho é estar vivo. Ser velho é estar vertiginosamente correndo para a invenção de um ciclo, um ciclo do princípio das coisas, a reintegração, o regugitar para outra forma de matéria, liquefeita, fragmentada, cabelo, fragmento de ossos, a clamarem por uma reordenação, um outro ser, promessa de sílex, retalho de pólen, reciclagem, reciclagem...”

O olhar assombrado dela, o velho enconstou suavemente os lábios nos seus cabelos, como se estivesse a mimar uma criança doente. A árvore prosseguiu na sua fala agora quase demente.

“pouco importa a promessa do teu cirurgião plástico. Pouco importam os teus potes de creme. Serás a escrita estrita assentada na lâmina fina da tua natureza. Serás a narrativa comum, o capítulo inexorável da tua passagem, desde que tudo isso começou.

Grita! Chora por todos os poros! Deixa que a tua angústia rebente as bolhas desse teu mundo protegido e cheio de cercas que te oprimem, que inventam sapatos de jovem e moldes que já não servem a esse teu corpo que envelhece!

Esperneia! Exibe pelo menos uma vez, em toda a sua grandeza, o espetáculo de estares envelhecendo! Alimenta o teu desespero com toda essa terra que nos cerca! Aferra-te ao teu poeta, porque ele quer te despir e te entregar a alegria que somente ele conhece, porque já surfou comigo num mundo onde vamos te levar, e de onde não trarás nada, senão a tua própria experiência.”

Ergueu-se porque o velho já se punha de pé, e abraçava à árvore, agora sorrindo claramente. Ajudou-a a conter o tremor do corpo, entrelaçou seus braços nos dela e ficaram agarrados àquela árvore que tremia convulsivamente, que assombrava a terra com o ranger das suas raízes. Apertados, corpo com corpo, viram a árvore descolar-se do chão, estender os

galhos para a tempestade do vento e começar a voar.

Árvore, homem e mulher, fundidos num abraço tão velho como o princípio das coisas. Desfazimento de braços, pernas e tronco. Liquefação de sorrisos e abanar de galhos, saltos para o espaço vazio, mergulhar profundo no nada.

E como um soco na boca do estômago dele, um coice no cérebro dela, a árvore estacou e abriu sua própria clareira no centro de uma nuvem.

Ficaram a velejar no dorso da árvore, enquanto a nuvem lutava por se livrar daquele peso incômodo.

Ela tinha se esquecido do que era, como se nada mais importasse. Como se seu espírito houvesse mergulhado numa instância termal, e a velhice não fosse senão uma palavra incômoda, como aquela árvore velha escanchada numa nuvem.

Foi nesse momento que buscou os lábios do velho, com uma avidez de planta que lutasse por sugar o pequeno estoque de pólen da boca de um estranho inseto.

E antes que a boca dele decifrasse o enigma daqueles lábios ávidos, ouviu-se um estrondo estranho de galhos partidos, palmas em uníssonos, vozes a cantar.

Acordaram do seu enleio numa sala cheia de ruídos, onde um exército de velhos marchava para a mesa grande onde um bolo confeitado os esperava, iluminado com suas velas brancas.